

A mesma classe, a mesma luta, o mesmo idioma. breves notas sobre a circulação da imprensa operária publicada no Brasil e em Portugal.

Silvia Regina Ferraz Petersen - Depto. de Historia - UFRGS.

Resumo

Pergunta-: que elementos a imprensa operária pode oferecer para que se ultrapasse a visão localista do movimento operário no Brasil? Os jornais brasileiros revelaram um processo de circulação social e cultural que transcende fronteiras estaduais e nacionais, que se ampliam com a inclusão de dados da imprensa portuguesa.

Palavras- chave: imprensa operária; circulação social e cultural ; historia operaria

A comunicação resume resultados de uma pesquisa mais ampla, apoiada em inúmeros dados e exemplos que aqui é impossível expor, o que priva o texto de muitos elementos que sustentam a argumentação.

Dentre as fontes para estudar as redes de relações sociais e de difusão cultural entre os operários de vários pontos do Brasil em fins do século XIX e primeiras décadas do XX, está sua imprensa periódica, por sua *capacidade de disseminar informações para além de seu local de publicação*. Os militantes necessitavam veicular suas idéias, e criaram inúmeros jornais, alguns dos quais cruzaram o território brasileiro, implantando uma rede de comunicação que jamais existira no país.¹

A imprensa operária rompe com o monopólio dos setores dominantes sobre a palavra impressa e traz para seu interior as contradições de classe, o ponto de vista dos dominados. “Através da imprensa operária, esse novo sujeito social em emergência,- o trabalhador urbano- transforma a cultura letrada e impressa em um vigoroso instrumento de organização e resistência contra a dominação capitalista.”²

¹ FERREIRA, M. Nazareth. *A imprensa operária no Brasil.1880-1920*. Petrópolis, Vozes, 1978. p. 15 e 104

² CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta. Periodismo e vida urbana-1890-1915*. São Paulo, EDUC/FAPESP, 2000. p. 129; 135.

O estudo da imprensa operária é comum, mas em geral como uma *história da imprensa* ou de questões relativas às experiências associativas, reivindicatórias, político-ideológicas etc. da classe, que os jornais divulgam. Esta pesquisa pretende, através do estudo de sua circulação, identificar traços gerais do processo de circulação social e cultural que ocorreu na classe operária brasileira. Em geral se pensa que os jornais operários foram efêmeros, de pequena tiragem e circulação restrita. Pretendi revisar esta opinião e investigar o significado desses jornais como instrumentos de divulgação de conteúdos de crítica social e de integração dos próprios militantes para além de seus locais de publicação. Esta proposta foi difícil de realizar e apresentar aqui em poucas páginas. Os dados quantitativos sobre a difusão e circulação são raros e descontínuos; poucos jornais trazem informações como número de exemplares, assinaturas, postos de venda, locais de envio etc.

Pesquisei também jornais operários portugueses, percebendo que imprensa publicada tanto no Brasil como em Portugal alcançava os dois lados do Atlântico. É surpreendente já no século XIX a presença de correspondentes do Brasil naqueles jornais, com matérias que são uma espécie de apresentação do movimento operário brasileiro aos companheiros d'além-mar, o que, não por acaso, é realizado por portugueses emigrados ou de passagem pelo Brasil. Seções denominadas *Cartas do Brasil* ou títulos similares aparecem com frequência em 1900 nos jornais socialistas de Lisboa *A Obra* e *A Federação*. Também há notícias dos jornais brasileiros recebidos pelas redações portuguesas, alguns dos quais eram vendidos em Portugal e de jornais portugueses enviados ao Brasil. Já a partir de 1919, há inúmeras notícias sobre operários portugueses residentes no Brasil e deportados pelo governo brasileiro, e que, de Portugal, sem nenhum processo, eram enviados para a África.

Às vezes o jornal muda de nome, outras, a publicação é suspensa e reativada depois ou desaparece, mas o que se observa é que um certo elenco de militantes se mantém nas iniciativas de fundação e continuidade desses jornais. E neste contexto verifica-se o aparente paradoxo de uma imprensa que luta por sobreviver e ao mesmo tempo alcança um âmbito de circulação extraordinário para a época, o que a transforma em fonte fundamental para ultrapassar a visão localista que tem marcado a historiografia sobre o movimento

operário no Brasil. A imprensa operária permite um outro tipo de análise, que articule estes fragmentos da história operária e identifique processos mais globais, despercebidos nos estudos locais. Mesmo tomando apenas uma “amostra” da imprensa³, fica evidente o papel de organizador social que ela desempenhou no movimento operário, ultrapassando o âmbito local e chegando ao nacional e, às vezes, internacional. A pesquisa teve dois eixos: 1. A luta pela sobrevivência da imprensa; 2. Índícios da sua circulação, apesar das dificuldades.

1. A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

Os jornais operários tinham escassos e incertos recursos para financiamento e aquisição de seus equipamentos e frequentemente tinham que contratar serviços nas gráficas de outros jornais. As dificuldades aumentavam pela constante repressão policial, que invadia as redações, quebrava as poucas máquinas e confiscava os exemplares. Por isso, um traço permanente é a luta por manter essa imprensa e nisso os dirigentes, colaboradores e simpatizantes empenhavam não só recursos pessoais, como inventavam expedientes para arrecadar fundos, promovendo campanhas, quermesses beneficentes, espetáculos artísticos, censurando publicamente os companheiros que atrasavam o pagamento das assinaturas ou que não se envolviam na divulgação dos jornais. Este padrão aparece tanto em jornais de pequeno porte, editados em lugares remotos e em datas recuadas, como nos grandes veículos da imprensa operária, que circularam no Rio e S. Paulo. Pode-se pensar, portanto, que a imprensa era uma espécie de patrimônio comum dos operários de todo o Brasil, que tinham com ela uma relação de compromisso, mesmo que nem sempre cumprido. Apesar das polêmicas que às vezes os jornais mantinham entre si, elas não chegam a abalar esse sentido que a imprensa tinha para o movimento que se organizava.

a) O custo para os leitores

Um aspecto a considerar sobre a circulação dos jornais é o custo para os leitores, a maioria com salários muito reduzidos e com hábitos de leitura ou condição alfabetizada

³ Pelo espaço estabelecido para o texto, excluí a lista dos títulos e datas dos jornais brasileiros e portugueses consultados.

difíceis de estabelecer na documentação. Esses periódicos, publicados por ligas, sindicatos, federações ou confederações⁴ geralmente eram semanais. Sendo assim, o leitor poderia adquirir até quatro exemplares por mês. O preço do exemplar oscilava entre 100 e 300 réis, o que significaria um gasto mensal médio de 400 a 1200 réis. Mas é difícil estimar o que este gasto representaria no magro orçamento do operário. Assim, é significativa a recomendação d'*A Sementeira*, de Lisboa (1912) aos leitores:

Depois de lerem *A Sementeira* não a devem destruir. Os que não desejarem colecionar, devem deixá-la nos comboios, nos carros, nos restaurantes, nos cafés, nos bancos dos jardins, etc., em qualquer parte, enfim, onde possa ser lida por outros. Espalhar é semear, torná-la conhecida será arranjar novos adeptos para nossa obras.

E se vale a observação do *Echo Operário* de R. Grande (18-1-1898), parece que o preço do jornal não tinha um grande impacto no orçamento do trabalhador: Diz ele: “É tão mesquinho o preço da assinatura que qualquer operário pode ser assinante”.

b) A tiragem dos jornais

A tiragem foi muito variável e as informações, precárias. Ainda assim, de acordo com Heloísa Cruz estima-se “[...] que na primeira década do século, uma publicação de pequeno porte, mas com um grau razoável de organização editorial e financeira, que vinha a público como folha literária, noticiosa ou recreativa, teria uma tiragem variando entre 500 e 2000 exemplares”.⁵

Para comparação, em 1902 o *Correio do Povo* de P. Alegre, comunica aos leitores que iria fazer “uma tiragem extraordinária de 14 mil exemplares, a maior até hoje realizada neste Estado”. Com relação aos jornais operários, eis alguns exemplos: *A Democracia Social*, de Pelotas, publicado em 1893 por apenas cinco meses e que enfrentou as sanguinárias escaramuças da Guerra Civil (que causaram finalmente ao seu fechamento), tirava 500 exemplares.

⁴ Como foi o caso d'*O Syndicalista* (órgão da Federação Operária do Rio Grande do Sul -FORGS) ou d'*A Voz do Trabalhador* (órgão da Confederação Operária Brasileira- COB).

⁵ CRUZ, Heloisa de Faria. *Opus cit.*, p. 139.

A Voz do Trabalhador, órgão da C.O.B. se definia como “Legítimo porta-voz dessa colossal e sofredora falange de escravos do trabalho que vive a mourejar brutalmente nesse grave eito que se estende desde as coxilhas gaúchas até os cálidos seringais da Amazônia”. Em 1913 tirava 3.000 exemplares e depois 4.000, até 1915, quando deixa de ser publicado.

Excepcional foi o caso d’*A Plebe*, de S. Paulo. O primeiro número, em 1917, teve 3.000 exemplares, o segundo, 5.500, o quarto, 6.000 no quarto, o sétimo 9.500 e 10.000 no décimo.

No extremo norte, *A Voz do Trabalhador* do Pará em 1922 tirava 1500 exemplares.

c) As despesas de publicação

Nos jornais examinados, identificam-se as principais despesas para sua publicação e expedição: selos postais, tipografia, papel, tinta, encadernação, barbante, goma, carimbos, cadernos, penas, desinfetante; pagamento de advogados; serviços de clichês e desenhos para a capa; comissão para os cobradores; gratificação aos carteiros; empréstimos para particulares e associações; doações para camaradas presos; aluguel de salões; passagens; carretos; publicação de boletins e convites; anúncios em jornais etc. Alguns jornais divulgavam balancetes detalhados, provavelmente para manter a credibilidade junto aos leitores e para controlar as mínimas despesas, todas significativas em um orçamento em geral insuficiente.

d) A situação deficitária dos jornais operários

Uma constante na vida dos jornais era sua situação deficitária, o que trazia imensos problemas para dar continuidade à publicação. Um indicador das dificuldades que *A Plebe* enfrentava (especialmente após a destruição de sua sede, fruto da repressão à greve de 1919) está na publicação, em 1920, de balancetes crescentemente deficitários: -139\$700 (21-2-1920), -267\$000 (8-5-1920), -414\$700 (22-5-1920), -612\$000 (5-6-1920) e -743\$700 (24-7-1920).

O Semeador, do Pará publica em 19-7-1919 um balancete com uma receita de 62\$480 e um déficit de 37\$520, com a observação de que “o camarada Fernando Nazaré emprestou essa importância, ficando, portanto, o déficit coberto”.

e) A dificuldade em conquistar assinantes

Em geral as informações que constam nos jornais apontam para uma permanente preocupação em conquistar assinantes, pois o pagamento antecipado das assinaturas garantiriam uma certa previsão de recursos para a publicação (também foi permanente a convocação a “apoiadores” que com listas, doações, promoções beneficentes, aumentassem a receita do jornal). Em geral esses jornais, por uma postura de condenação à sociedade capitalista, não publicavam anúncios comerciais, com o que privavam-se de uma possível receita a compor seus recursos. A questão de angariar, manter e cobrar assinaturas foi uma luta constante. Algumas matérias do *Echo Operário* são enfáticas para demonstrar a importância e a dificuldade das assinaturas:

Pedimos aos nossos amigos de todo o Estado e fora dele para angariarem assinantes para esta importante publicação. Pedimos também que cada um auxilie no que puder a publicação deste jornal atualmente único que defende as classes operárias no estado. É tão mesquinho o preço da assinatura que qualquer operário pode ser assinante. Basta a boa vontade. Vamos, companheiros, ajudem-nos mutuamente. (18-1-1898).

As pessoas que recebam este jornal e não queiram assiná-lo, queiram devolvê-lo a esta redação declarando a procedência. Caso não o façam antes de seis dias, ficam sendo considerados assinantes. (8-1-1899)

À semelhança dos outros colegas socialistas, vamos abrir um quadro negro para os assinantes do *Echo Operário* que estão em atraso com o pagamento das assinaturas. É bem a contragosto que o fazemos: mas quem assim não quiser que pague, porque não é com palavras que nós pagamos a tipografia. O tesoureiro. (7-11-1898)

A Voz do Trabalhador, apesar de sua importância nacional como órgão da C.O.B. também não resolveu o problema das assinaturas e com frequência apelava para assinantes saldarem as dívidas, sendo a publicação do jornal interrompida algumas vezes por falta desses recursos. No entanto, através de outras formas de apoio como subscrição voluntária e realização de festas e campanhas para angariar recursos, o jornal se manteve de 1908 a 1915.

Através de matérias d’*A Vida*, (R. de Janeiro, 1914) pode-se entender o funcionamento do sistema de assinaturas, também cercado de dificuldades:

A *Vida*, obra de idéias e não de comércio, conta apenas para se manter com a venda dos seus números. De todos aqueles a quem se possa interessar-se espera pois que a divulguem o mais possível, confiando à iniciativa de cada um o emprego dos meios mais adequados semelhante desideratum. Aos que desejam conhecer nossa revista enviaremos um exemplar desde que no-lo solicitem; também responderemos a todas as informações que nos sejam pedidas referentes aos fins que esta revista persegue.

A estratégia não funcionou: só 16 leitores se interessaram em assinar a revista, muito poucos devolveram os números recebidos e logo no terceiro número começam os apelos para que os devedores saldassem os débitos. Após apresentar o balanço dos dois primeiros números, publica o seguinte:

Como vêem os camaradas, a situação de A VIDA não é desafogada, o que, aliás, é natural nas publicações deste gênero. O nosso caso tem, porém, uma outra explicação. Queremos referir-nos às assinaturas. Até 31 de janeiro apenas 16 assinantes pagaram. Há, pois, ainda algumas centenas que o não fizeram. Por quê? É necessário que os nossos amigos se lembrem de que a revista tem que contar principalmente com a receita das assinaturas. (28-2-1915)

O Semeador, do Pará, em 1919 publicava incessantemente esse apelo:

A todos os camaradas em débitos com a redação de nosso jornal, solicitamos vir liquidar os mesmos, pois como todos sabem, a vida d'*O Semeador* depende da regularização de sua vendagem; não é pois possível qualquer atraso na prestação de contas do mesmo. Esperamos, portanto, a boa vontade de todos para nosso regular andamento.

Se angariar assinantes era complicado, a distribuição também era, pelo custo do correio ou a proibição de uso do correio pelos jornais. Eles às vezes publicavam listas de assinantes que, mesmo sem ser uma informação sistemática, dão uma idéia da área e, do público que o jornal alcançava com assinaturas, apesar das dificuldades mencionadas. Assim, em exemplar de 1899, o *Echo Operário* cita nominalmente 32 assinantes da pequena cidade de São Gabriel, RS, entre os quais um capitão e dois alferes, o que mostra que seus leitores não eram só operários.

2. INDÍCIOS DA CIRCULAÇÃO DA IMPRENSA

As dificuldades que a imprensa enfrentou poderiam sugerir uma influência pequena sobre os leitores. No entanto, há indicadores contrários. Trata-se das astúcias dos fracos para aproveitar as brechas num campo de difícil domínio -o da circulação- e que, em geral, ficam invisíveis se não ultrapassamos o exame de um jornal isolado ou da imprensa de um Estado.

a) O acesso gratuito aos jornais, revistas e livros

O Amigo do Povo publicado em S. Paulo de 1902 a 1904 dependia dos recursos e redatores disponíveis. No entanto, cada um pagava o que podia pelo jornal, que não era recusado a quem o pedisse gratuitamente. Isto mostra o objetivo dos editores de que o jornal chegasse aos leitores. Também existia o acesso grátis a jornais, livros, panfletos, peças teatrais, etc. nas chamadas “*mesas de leitura*” que as sedes das associações ou as redações dos jornais criavam e onde eram colocadas as publicações recebidas. Criar bibliotecas e salas de leitura, será constante no movimento operário e foi uma decisão do 1º Congresso Operário Brasileiro de 1906, visando que isso contribuísse para agregar os operários ao movimento. Não se sabe a repercussão sobre os trabalhadores, mas a existência quase obrigatória das “*mesas*” leva imaginar que havia um público interessado, que bebia nessas fontes e era transmissor das idéias sobre a nova sociedade.

O Echo Operário de Rio Grande desde o século XIX, disponibilizava em sua redação os jornais e a literatura socialista que recebia:

[...] Tem, pois, nossos amigos, no nosso escritório, jornais da Espanha, França, Itália, Bélgica, Bulgária, Portugal, Chile, Peru, Bolívia, Argentina, Montevideu e de diversos estados do Brasil, às suas ordens. Podem apreciar o movimento operário nas suas melhores folhas de propaganda, pois além desses, temos muitos outros que nos honram com a sua visita. (20-3-1898)

Com as publicações recebidas, o jornal *A Luta* de P. Alegre formou uma biblioteca, que era constantemente anunciada em suas páginas, bem como os títulos das publicações

que iam chegando. (por questão de espaço, excludo os títulos das inúmeras obras que chegavam à essa Biblioteca)

A *Voz do Trabalhador*, da Bahia (16-9-1922), divulgava aos leitores os jornais “defensores dos oprimidos” disponíveis na redação:

A Plebe, S. Paulo; Movimento Comunista, R. de Janeiro; Revista Liberal, P. Alegre; Renovação, R. de Janeiro; Voz Operária, Aracajú; Solidariedade, Chicago; Voz do Trabalhador, Pará; Il Comunista, Itália; El Comunista, Argentina; El Estudantil, Rosário; Transporte Internacional, Amsterdam; Trabalhadores das Docas, Hungria.

A expressiva presença da literatura social nessas mesas de leitura talvez se explique pela existência de colaborações regulares entre grupos do Brasil e de Portugal para apoiar publicações portuguesas ou editar em Portugal opúsculos de autores brasileiros:

Esse intercâmbio editorial resultava de uma afinidade entre os movimentos e grupos dos dois países, mas existia, paralelamente, um relacionamento comercial entre livrarias brasileiras e editores portugueses, que se traduzia na circulação de edições portuguesas no Brasil, inclusive de textos socialistas e anarquistas. Aliás, havia alguns militantes anarquistas que tinham ofício de livreiros.⁶

As publicações recomendadas pertencem ao mesmo repertório bibliográfico que circulava em Portugal, o que demonstra a circulação das idéias que formavam a base ideológica desses militantes.

b) Os apoiadores

Se os jornais enfrentavam enormes dificuldades, havia também diferentes tipos de apoio que recebiam, parte substancial da sua receita: doações individuais ou listas de coleta de fundos organizadas por militantes ou associações; receita de festivais, conferências, venda de bônus, leilões de objetos doados, rifas, encenação de peças teatrais.

⁶ GONÇALVES, Adelaide e SILVA, Jorge *A bibliografia libertária. Um século de anarquismo em língua portuguesa*. São Paulo: Imaginário, 1999. p. 16.

O caso d' *A Plebe* é representativo pela importância nacional desse jornal. Conseguir recursos para sua publicação foi um problema constante. Por isso, havia uma coluna com o título *MUNIÇÃO*, onde eram divulgadas as contribuições recebidas dos leitores. Além das assinaturas, o jornal estimulava a aquisição de “pacotes”, ou seja, um conjunto de 10, 50 ou mais jornais, que eram vendidos por um militante. Vendas também eram feitas durante as assembleias das associações.

Os jornais operários portugueses igualmente são apoiados por várias iniciativas de agremiações e de anônimos. Há também contribuições de ultramar: em 1918, *A Sementeira* de Lisboa registra o apoio recebido da União Geral dos Trabalhadores (Pará), S. Moya (São Paulo) e R.C. Perpétua, (R. de Janeiro); Em várias edições de 1913, *O Sindicalista* de Lisboa registra uma pequena lista de apoiadores da Argentina e do México.

c) A rede de distribuidores responsáveis e dos pontos de venda.

Outro indicio de circulação desses jornais é a rede de distribuidores responsáveis e dos pontos de venda que se espalhavam pelo país e, em alguns casos, alcançavam Portugal.

A Plebe foi o que contou com a distribuição mais ampla. Em seu primeiro número, de 9-6-1917, já indica uma extensa lista de locais de venda e representantes, revelando a preocupação de chegar a muitos leitores (que provavelmente foram crescendo, pois o número de 15-3-1919 informa que “*A Plebe circula em todos os estados até o Alto Purus*”). Há referência a representantes no R. de Janeiro, S. Paulo, M.Gerais, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraná, R. G. do Sul e Mato Grosso.

No Pará, em 1902, o jornal *O Trabalho* anunciava representantes no Maranhão, Pernambuco, R. de Janeiro e S. Paulo. Bares, quitandas, cafés e botequins, barbearias, postos de engraxates eram locais em que os jornais operários podiam ser encontrados, inclusive os portugueses, o que reforça a idéia de circulação transatlântica dessa imprensa. Se havia tantos pontos de venda, pode-se imaginar que havia uma expectativa de leitores que compravam jornais avulsos.

d) Publicações divulgadas e recomendadas

Os títulos de obras divulgadas na imprensa permite traçar o percurso aproximado delas junto aos operários em diferentes pontos do Brasil. Se as indicações se tornavam leitura, é uma questão em aberto, mas não esqueçamos que muitos livros e folhetos estavam nas “mesas de leituras”. Outro indício é que os jornais se ofereciam para facilitar a aquisição dessas obras, mesmo aquelas publicadas no exterior. As listas mais numerosas de obras recomendadas aparecem nos jornais mais importantes, mas a preocupação ocorre mesmo nos jornais pequenos, de regiões afastadas do eixo Rio-S. Paulo. O repertório que circulava no Brasil era similar ao de Portugal, o que é fácil entender pelo idioma, pelos contatos entre os militantes e a procedência de muitos imigrantes.

. A *Tribuna do Povo* do Recife (1º e 24-5-1919) recomendava os seguintes livros, todos a venda nas livrarias Contemporânea e Universal do Recife:

João Grave: O indivíduo e a sociedade; A sociedade futura. Kropotkin: A conquista do pão; Palavras de um revoltado; A grande Revolução. A. Hamon: Psicologia do militar profissional; Determinismo e responsabilidade; Psicologia do socialista-anarquista. Sebastião Faure: A dor universal. E. Zola: *Germinal*. Augusto Cezar dos Santos: A questão operária e o sindicalismo.

A *Vida* (R. de Janeiro 31-12-1914) ocupa toda uma página para indicar bibliografia aos leitores.

e) Correspondência recebida

Outro indicativo da circulação dos jornais operários são as seções de correspondência recebida e respondida. Entretanto também este dado é apenas indiciário, porque os jornais não publicavam sistematicamente a correspondência recebida, porque é impossível fazer a relação entre o número de leitores e os correspondentes e igualmente realizar uma quantificação no sentido sincrônico entre os diferentes jornais, pois seus períodos de existência, bem como sua representatividade são incomparáveis. Apesar disso, tomei o caso da *A Voz do Trabalhador*, o mais cosmopolita dos jornais operários, por ser o órgão da COB em uma fase ascensional do movimento operário no Brasil. Com um levantamento da origem da correspondência que o periódico recebeu entre 1908 a 1915,

pode-se imaginar a área de circulação mais ampla de um periódico operário brasileiro. (Deixo de incluir o levantamento da procedência da correspondência pelo espaço do texto)

A *Voz do Trabalhador*, de P. Alegre, em 11-08-1912 informa manter correspondentes nas principais cidades do estado, em S. Paulo, R. de Janeiro, B. Aires, Portugal, Itália, etc. e estar constituindo correspondentes nas principais capitais do estrangeiro,

[...] com o fim de expor o nosso proletariado ao corrente do que se vai passando entre as classes trabalhadoras de toda a parte do mundo. Do nosso correspondente Joaquim Minhoto publicamos hoje a primeira carta de Portugal, na qual encontrarão os nossos leitores algumas notícias e comentários interessantes sobre o movimento operário. Está em nosso poder a segunda carta de Buenos Aires. Em números subseqüentes publicaremos cartas de França, da Itália, da Rússia, dos Estados Unidos, do Chile, de Cuba etc.

Finalmente, os termos desta correspondência, (embora quase telegráficos como convém ao espaço de jornais de pequeno porte), demonstram às vezes intimidade entre os militantes e uma “disponibilidade incondicional” entre companheiros no desempenho de alguma tarefa solicitada.

f) Procedência dos jornais e publicações recebidas pelas redações

Quando se reúnem os dados esparsos que os jornais operários divulgam sobre as publicações que recebiam, principalmente jornais, nos surpreendemos não só pela quantidade de títulos citados como por sua distribuição no Brasil e no exterior. A procedência dessas publicações é um importante indicador da circulação do jornal que as recebia, pois permite mapear os lugares onde aquele chegava, embora não possa determinar se essa repercussão se dava de redação para redação ou se atingia um público mais amplo. Seria importante, portanto, cruzar essa linha de informações com outra, que é a da correspondência recebida, que pode indicar mais substantivamente a existência de leitores.

Na impossibilidade de fazer uma compilação extensiva desses títulos, apresento as informações divulgadas em alguns jornais que pude pesquisar e que dão uma idéia do volume do intercâmbio dos jornais operários, no Brasil ou no exterior. É surpreendente, por exemplo, o caso do *Echo Operário*, cuja lista seguinte de publicações noticiadas, foi

compilada nos exemplares de 1897 a 1899: Provenientes do RGS: Bagé; Santa Maria; Santana do Livramento; São Gabriel; Pelotas; S. Martinho; Rio Grande; Alegrete; São Gabriel; Provenientes de outros estados: R. Janeiro (8); S. Paulo (8); Maceió (3); Bahia (2); Alagoas; Taubaté, SP; Santa Rita do Paraíso, SP; Cachoeira de Itapemirim, SP; Paranaguá, PR; Vila Nova de Lima, MG; Taboleiro Grande, MG; Fortaleza. Provenientes do exterior: Buenos Aires (11); Argentina (4); Paris (4); Milão (3); Valparaíso, Ch. (2); Santiago, Ch. (1); Peru (1), Porto (2); Lisboa (1); Barcelona (1); E.U.A (1); Rivera, Ur. (1); Berna (1).

Por questão de espaço não reproduzo também os 24 títulos de livros e folhetos de autores como Benoit Malon, Ladislau Batalha, Karl Marx, Enrico Malatesta etc.

Mas a circulação não deve ser pensada apenas através das publicações recebidas pelas redações dos jornais; é igualmente importante verificar o que acontecia com os jornais brasileiros no exterior. Encontrei alguns indícios em relação a Portugal. Assim, *A Sementeira*, de Lisboa (de 1909 a 1919) registra os seguintes títulos de jornais brasileiros noticiados ou recebidos. De S.P.- A Lanterna, A Terra Livre, A Palavra, O Graphico, A Lanterna, A Plebe, O Início; de Antônio Abranches, S P.- Musa Vermelha; de Santos- Aurora Social, A Razão, A Revolta, Avante; do R.J.- Novos Rumos, O Baluarte, Ordem e Progresso, A Vanguarda, A Guerra Social, Na Barricada,- O Cosmopolita, Boletim da Aliança Anarquista, Crônica Subversiva, Apóstolo Positivista, Despertar; de Belém do Pará- A Pranch .>. Mac .>., Onze de Janeiro; de Abaeté, - Quo Vadis; de P. Alegre- A Voz da Estiva; de Pelotas - A Terra Livre, A Luta; de Poços de Caldas - A Voz do Trabalhador; de Uberabinha, MG-A Escola; de Pernambuco- Tribuna do Povo.

A procedência da correspondência, pessoal ou institucional e dos jornais e publicações recebidas são informações que permitem observar onde chegava o referido jornal e é surpreendente constatar que sua circulação ultrapassava muito os pontos regulares de venda avulsa e as assinaturas que conseguia angariar. Ou seja, há uma outra cadeia de circulação, a ser investigada, que fazia com que um determinado jornal alcançasse todo um grupo de leitores cuja existência fica atestada na correspondência recebida e no envio de exemplares de periódicos dos mais remotos pontos do país e do exterior. Se o espaço geográfico da circulação já é impressionante, não é menor sua

importância quando pensamos nesse espaço como um âmbito em que se estabeleciam e fortaleciam relações sociais e se “construía sentido”, ou seja, se formulava, debatia e divulgava o conteúdo formativo-informativo de crítica social que era um dos alimentos que nutriam nacional e até internacionalmente o movimento operário. A circulação dos jornais leva consigo a divulgação de uma ampla lista de obras de literatura social-revolucionária, com alguns títulos que comparecem reiteradamente na imprensa operária das mais diversas regiões do Brasil, o que aponta para a existência de um padrão de leituras que informava nacionalmente o movimento operário no Brasil.

Embora seja impossível determinar o número de leitores, as tiragens dos jornais, algumas vezes excepcionais como as d’A *Plebe*, e os outros indicadores da circulação que apresentei, permitem supor que a imprensa não só é uma fonte para que se pesquisa dimensões nacionais ou mesmo internacionais no movimento operário no Brasil, como uma evidência de que esses processos de natureza mais global ocorreram em nosso meio e só não foram mais explorados porque as investigações de recortes locais não colocavam esta questão.

O estudo da circulação da imprensa operária revela também a existência de relações sociais antes inadvertidas entre militantes de diferentes regiões. Não me refiro aqui aos militantes que atuavam de forma mais ou menos regular como colaboradores intelectuais em jornais operários de diferentes cidades e mesmo do exterior, cujas idéias assim circulavam entre os leitores, mas a uma outra faixa de relações que aparece, por exemplo, no exame da correspondência e revela intimidade e companheirismo entre militantes de diferentes pontos do país. Em alguns casos certamente o próprio deslocamento dos militantes - tema que tratei em outra parte da pesquisa-, possibilitava contatos diretos que depois tinham continuidade, mas em outros não há essa evidência e mesmo assim são freqüentes os oferecimentos dos leitores para distribuir o jornal, angariar recursos, servir de intermediário para que outros companheiros fossem mobilizados etc. Enfim, espero que essa resumida comunicação sobre a circulação da imprensa operária contribua para formar uma perspectiva mais abrangente e menos polarizada das relações sociais e culturais da classe operária no Brasil e mesmo com Portugal nos anos de sua formação.